

"O Estado não deve — e, aliás, não precisa — financiar pornochanchadas até porque elas são autofinanciáveis, já que contam com o apoio maciço de espectadores ávidos de sensações fáceis, espectadores que se abandonam e, ao se abandonarem, se entregam de corpo e alma ao poder perverso desse estranho lazer. É por isso que, entre a puberdade e a senilidade, entre os que ingressam e os que se retiram do misterioso mundo da sensualidade, cresce a multidão que se acotovela e se espreme nas filas e nas ante-salas dos cinemas pornós. (. . .)

(. . .) Em nenhuma hipótese justifica-se a ação repressiva. A pornochanchada, a princípio um imperdoável ato de violência, logo se redime, porque se oferece, se expõe, se arrisca, sem o menor subterfúgio. A nitidez de seu pecado antecipa-se como garantia de absolvição. Seu lugar é à margem e aí deverá permanecer. Quanto mais proibida, tanto mais atraente se tornará. Proibir é mais que permitir: é promover."

Eduardo Portella VEJA, 7/05/80

A PRODUÇÃO DA BOCA

Bem ao contrário dos prognósticos sombrios ou agourentos que, há três ou quatro anos, diagnosticavam sua rápida e futura morte, a pornochanchada continua tão viva quanto na época de seus primeiros passos. O "modismo que irá cansar" ou "a superpotência do machão [que] em breve deixará de ser um apelo capaz de interessar à platéia" ou o "sucesso que não dura muito" (1) foram afirmações de certa forma precipitadas, pois tão viva está a pornochanchada que ela nem precisa mais de defensores que a valorizavam como fórmula de conquista do mercado e rechaçamento futuro do produto estrangeiro: ela já conquistou sua fatia do mercado, mesmo que o mercado brasileiro ainda não pertença ao produto brasileiro. Às vezes é difícil perceber esta conquista, subjugados que estamos pelos circuitos exibidores mais "refinados" ou pela crítica submissa aos critérios de qualidade, mas basta observarmos os programas das salas de exibição da região central ou periférica de uma cidade como São Paulo para percebermos a presença da pornochanchada no mercado (2).

Obviamente, tal conquista não se deu pela sedimentação do rótulo pornochanchada enquanto exclusivamente "comédia grosseira e mal feita". Seus produtores percebem que a melhor estratégia de absorção de um espaço no mercado e de manutenção do interesse por parte do público é aquela dada pela diversificação. Pornodramas, pornopoliciais, pornoterroros ou pornochanchadas, mesmo do tipo "comédia grosseira", ou pornochan-

chadas promovidas ao privilégio estético da "comédia de costumes" se espraíam em tentáculos devoradores que apavoram os "produtores de cultura" e a crítica especializada na defesa da "obra de arte" (3). Esta idéia de "concorrência desleal" se dá quando, mesmo no nível de subdesenvolvimento, a pornochanchada pleiteia o nome de indústria e, como indústria de produtos diversificados (e até concorrentes entre si), ela consegue fazer, vender e tirar lucros do negócio. Com pouco investimento, talvez com um lucro não tão vantajoso (daí as perspectivas de morte que sempre lhe auguram), mas certamente com um lucro razoável que lhe possibilita o movimento de capital em forma de novos filmes e novas estruturas miméticas. A pornochanchada vive.

E vive pela constante tentativa de assimilação de fórmulas que vão do bang-bang à comédia, passando pelo filão dos filmes ambientados em penitenciárias e inclusive pela pretensão de fazer filmes "sérios", "intelectuais", pontilhados de citações psicanalíticas e/ou existencialistas. Fórmulas essas que efetivamente recebem como contribuição os elementos caros à pornochanchada e as promessas de maior ousadia na violência ou no sexo. Em todo caso, são motivos para a diversificação no mercado, da mesma maneira que o liberalismo outorgado pelo regime serve de aparência "nova" a pelo menos três pornochanchadas que chamaríamos da "nova safra": *Histórias que nossas Babás não Contavam*, *A Dama da Zona* e *Essas Deliciosas Mulheres*.

O primeiro filme é bem claro na apresentação dos dois canais de vida da pornochanchada: diversifica-se enquanto versão "pornográfica" de um conto infantil e se vende mais audaciosamente graças ao abrandamento da censura. Se, tempos antes, a pornochanchada era uma representação do país enriquecido graças ao "milagre" brasileiro, hoje não seria muito diferente se ela fosse uma representação do teor liberatório do regime. Ou seja, se algo mudou no regime, a pornochanchada passou a refletir esta mudança para com isso se manter viva e atualizada.

A primeira parte de *Histórias que nossas Babás não Contavam* exhibe, por exemplo, a política como piada: a rainha é uma espécie de revolução desvirtuada que abocanha, ditatorialmente, o poder monárquico da princesa, instituindo o ARI nº 1 (Artigo Real Inconstitucional) e impondo à futura exilada a cassação de seus mandatos sem qualquer idéia de anistia à vista. A piada política que do resumo se depreende só é política na medida em que se utiliza de termos-chavões atualmente incorporados ao repertório de uma camada mais vasta da população. E a utilização destes chavões, outrora proibidos e agora com ares de passado remoto, reforçam a idéia da redemocratização e abrandamento censório, confirmados inclusive pelo carimbo "Liberado sem cortes" que os cartazes e os anúncios publicitários orgulham em ostentar. De um lado, a confirmação daquilo que o regime vende e de outro, o filme se vendendo como uma promessa de ousadia sexual, dado o tom de "quase proibição". Afinal, se ele foi liberado *sem* cortes, nada impediria que fosse hipoteticamente liberado *com* cortes: neste caso, tanto o abrandamento censório quanto a ousadia sexual não existiriam.

O mesmo carimbo e a mesma idéia de mudança se encontram em *A Dama da Zona*. O carimbo se afirma sincero nos inúmeros palavrões contidos no filme, palavrões estes reproduzidos no *trailer*, completos e plenamente sonoros, longe daqueles outros que ou eram pronunciados pela metade ou se tornavam borrões de som decodificados, contudo, pelos movimentos labiais dos artistas. Os termos-chavões aqui também se repetem: fala-se da "prostituta anistiada" ou do "filme com muita abertura".

Ele ainda se diversifica ao abandonar o universo de luxo da grã-fina-

gem (a possibilidade de ascensão oferecida pelo "milagre") para rodopiar no universo semiproletário do bairro do Bexiga, em nome de uma "verdade" agora necessária:

"Coisas estão acontecendo no Brasil. Coisas importantes. O marco dos novos acontecimentos, é o fim do AI-5" — diz o *press-release* do filme. "O cinema, forçosamente, sofreu muito com as restrições até então impostas. Mas ele é dinâmico e permanentemente sensível aos movimentos do terreno social e político; portanto, deve abrir-se imediatamente para as verdades urgentes do país e do povo, refletindo sua realidade, seus anseios, os rumos do seu caminhar (...) Através de Esmeralda, nossa prostituta, conheceremos e viveremos com gente que ficou à margem do maravilhoso 'milagre brasileiro' (...), atirada para fora de toda a riqueza produzida."

O final do texto também é explícito: *A Dama da Zona* é uma comédia (...), não estamos diante de uma tragédia. Trágica é a própria vida que os personagens de *A Dama da Zona* vivem com muito humor e malícia, o que é muito mais cruel."

Essas Deliciosas Mulheres, ao contrário de *A Dama da Zona*, ainda prefere os filhos do milagre, a suposição de uma classe média alta de *hobbies* caros, extravagantes viagens e fascinantes peripécias sexuais. O filme ostenta o mesmo carimbo e promete peripécias ainda mais sexuais e fascinantes. E exhibe, também, como prova dos novos tempos, um tratamento que superficialmente seria classificado de amoral. Mera aparência, contudo, mesmo que seu ganhão milionário, conquistador de todas as mulheres, não sofra o castigo (em forma de casamento) que a "permissividade" sempre sofria. Mesmo que o filme venda aparentemente a idéia da mulher liberada que busca os mesmos prazeres a que o homem — macho da sociedade — tem o direito de possuir.

Na verdade, o filme pratica o oposto e revela a mesma estreiteza moral e machista de qualquer outra pornochanchada de qualquer outra época. Nele, a mulher ainda se estrutura nos tipos: a insatisfeita e frígida por causa do tamanho do sexo do marido, a devoradora e ninfomaníaca, a piranha oferecida que rouba o prazer da conquista. Reitera os fetiches "classe média alta" (avião, piscina, banho com as gueixas no ritual da excitação, etc.) e exhibe uma simbologia fálica como sinal de reverência ao sexo masculino. Uma delas, por acaso (?), define o filme: uma mulher conquistada, nua e na cama, usa o telefone, de modelo longilíneo, como tapa-sexo aos olhos indiscretos da câmera.

O apêndice que lhe oculta o sexo revela a intenção do filme: a mulher liberada é aquela que assume o falo. O final do filme reforça a mesma idéia, quando sua personagem central "cura" sua frigidez (e se libera, portanto) ao incorporar o mesmo *hobby* e o mesmo fetiche do ganhão. No caso, a mulher que se libera é um prato ainda mais fácil de satisfazer a sexualidade do macho — de objeto, ela passa a "mais objeto", sem nenhuma ameaça ao macho, já que a única possibilidade de libertação se encontra na impossibilidade de incorporação do pênis. E, enquanto a mulher se libera, é o macho quem mais usufrui dessa libertação.

Nada de novo nesta história toda: a pornochanchada "faz parte intrínseca dos mecanismos sociais de repressão sexual" (4), ainda que aperfeiçoada ou invista no filão de um cinema pornográfico e efetivamente liberador, consoante os desejos de um crítico. No fundo, os três filmes da "nova safra" assumem a mudança do regime, diversificam-se e se atualizam a partir desta mudança, utilizando elementos aparentemente novos que, na essência, são constituídos pela re-articulação dos elementos tradicionais. Em um deles — o machismo — a moralidade repressora permanece como substrato ideológico, de pleno agrado do sistema. A mulher objeto, o homossexual e o machão ratificam a tríade constante da pornochanchada, onde agora



Marlene Silva e
Canarinho em *A Dama da Zona* — 1979 de
Ody Fraga

o último personagem se valoriza como "herói exemplar".

No tempo do *topless* e da "abertura", onde o sistema não atua concomitante ao regime, a subdesenvolvida indústria da pornochanchada — ainda assim núcleo de resistência à dependência estatal — se mantém produtora e lucrativa, dominando sua fatia do mercado como qualquer comércio que se preze. E assim ela se adapta e se revigora, sepultando hoje os antigos necrológicos de seus críticos.

Jair Leal Piantino

Adele Fátima e os
7 anos em Histórias
que nossas babás não
contavam, 1980 de
Osvaldo de Oliveira

(1) Conforme declaração de Luís Fernando Goulart (*Jornal do Brasil*, 17/09/76, página 5 do Caderno B), José Carlos Avellar (*Revista de Cultura Vozes*, Maio de 1976, página 271) e Paulo Emílio Salles Gomes (*Movimento*, 19/01/76), respectivamente. O pensamento de Paulo Emílio, melhor dizendo, pressupõe uma maior profundidade: "Agora, é preciso também não ter ilusão: esse sucesso não dura muito. Do jeito como a publicidade engana o público em relação ao conteúdo dos filmes, logo vai haver uma retração do mercado e ninguém mais vai acreditar no que o título dos filmes anuncia". E mais adiante insinua outro dado:

"E por outro lado eu penso de novo nesse tal público das tardes, de homens maduros, que decididamente não vão ao cinema para ver história nenhuma. Eles vão lá para ver determinadas imagens, determinados instantes que possam conter um eventual apelo erótico". Determinados instantes na tela são semelhantes às fotos de cena afixadas nas portas dos cinemas e motivos de atração para esse público:

(2) Esta presença não é muito bem vista, em termos de mercado, pela APACI — Associação Paulista de Cineastas — conforme seu boletim n.º 17 de janeiro/fevereiro de 1980, onde se revela que "São Paulo produziu 53,7% dos filmes que obtiveram Certificado [de Produto Brasileiro] em 1979", mas que "essa alta expressão quantitativa não significa entretanto uma produção diversificada. Muito ao contrário, o grosso dessa produção é de filmes de fácil apelo erótico, obedecendo à receita do exibidor, via de regra co-produtor minoritário da maioria desses filmes".

Simplificações à parte, pode-se dizer que, historicamente, os momentos mais "propícios" ao cinema brasileiro foram aqueles nos quais o exibidor se confundiu com o produtor, seja na Bela Época de 1908-12, seja na chanchada dos anos 40 e 50.

O ponto de vista que aqui se levanta é contrário aos trechos grifados pelo redator do boletim: a produção de pornochanchada se mantém farta graças à diversificação que nela se verifica.

(3) Elucidativa é a afirmação de Florestan Fernandes Junior (*Opinião*, 18/03/77, página 22): "Os riscos que estamos correndo com a pornochanchada não são poucos (...) Temos que defender o mercado nacional e ao mesmo tempo a classe cinematográfica desta concorrência". Ou ainda, a mesma declaração supracitada de Luiz Fernando Goulart: a pornochanchada é "... uma forma predatória de fazer cinema".

(4) Jean-Claude Bernardet (*Movimento*, 19/01/76).